

## Índice

Introdução	9
Os Intelectuais e a Organização da Cultura	
I. Para Uma História dos Intelectuais	
A Formação dos Intelectuais	17
Notas Avulsas: Função Cosmopolita dos Intelectuais Italianos	35
Intelectuais Italianos no Estrangeiro	75
Europa, América, Ásia	88
II. A Organização da Cultura	
A Organização da Escola e da Cultura	123
Para a Procura do Princípio Educativo	132
Notas Avulsas	142
III. Jornalismo	157
IV. Apêndice: Lorianismo	199

# I

## Para Uma História dos Intelectuais

### A FORMAÇÃO DOS INTELECTUAIS

Os intelectuais são um grupo social autónomo e independente, ou cada grupo social tem a sua própria categoria especializada de intelectuais? O problema é complexo devido às diferentes formas que assumiu até agora o processo histórico real de formação das diversas categorias intelectuais. As duas formas mais significativas são as seguintes:

1) Cada grupo social, nascido no âmbito originário de uma função essencial no mundo da produção económica, cria, paralela e organicamente, um ou dois estratos de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não só no campo económico mas também no campo social e político: o empresário capitalista cria ao mesmo tempo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc. É oportuno notar que o empresário representa uma elaboração social superior, já caracterizada por uma certa capacidade dirigente e técnica (ou seja, intelectual): capacidade que deve abranger não só as suas atividades e iniciativas mas também outras esferas, pelo menos as mais próximas da produção económica (tem de ser um organizador de massas, um organizador da “confiança” de quem faz poupanças nas suas empresas, de quem compra as suas mercadorias, etc.).

Se não todos os empresários, pelo menos algumas elites devem possuir no geral uma capacidade organizadora da sociedade, com todo o seu complexo conjunto de serviços, até ao organismo estatal, para criarem as condições mais favoráveis à expansão da própria classe; ou devem, pelo menos, ter a capacidade de escolher os “empregados” (funcionários especializados) a quem confiar esta atividade organizadora das relações gerais externas da empresa. Podemos observar que os intelectuais “orgânicos”, que cada nova classe cria paralelamente, elaborando-os no seu desenvolvimento progressivo, são no fundo “especializações” de alguns aspetos da atividade original desenvolvida pelo tipo social novo criado pela classe social nova.<sup>1</sup> (Também os senhores feudais possuíam uma capacidade técnica especial, a militar, e é justamente quando a aristocracia perde o monopólio desta capacidade que começa a crise do feudalismo. A formação dos intelectuais no mundo feudal e no anterior mundo clássico é, contudo, uma questão que examinaremos noutro momento: a formação e a elaboração seguem percursos e maneiras que é preciso estudar concretamente. Assim, convém salientar que a massa dos camponeses, apesar de desenvolver uma função essencial no mundo da produção, não elabora propriamente os seus intelectuais “orgânicos” e não “assimila” nenhuma classe de intelectuais “tradicionais”, embora outros grupos sociais façam derivar dos camponeses os seus intelectuais e embora a maioria dos intelectuais tradicionais seja de origem camponesa.)

2) Mas todos os grupos sociais “essenciais”, que surgem historicamente a partir da estrutura económica anterior e como expressão de um seu desenvolvimento, encontraram, pelo menos na história até agora conhecida, algumas categorias sociais preexistentes e que pareciam até representar uma continuidade histórica nunca interrompi-

1 *Elementi di scienza politica*, de Mosca (nova edição ampliada, de 1923); o livro deve ser considerado no âmbito desta rubrica. A dita “classe política” de Mosca representa, na realidade, unicamente a categoria intelectual do grupo social dominante; o conceito de “classe política” de Mosca deve ser aproximado do conceito de elite de Pareto, constituindo uma outra tentativa de interpretar o fenómeno histórico dos intelectuais e a sua função na vida estatal e social. O livro de Mosca é uma enorme miscelânea de natureza sociológica e positivista, embora com as tendências da política atual, facto que o torna menos indigesto e mais vivo de um ponto de vista literário.

da, nem pelas mais complicadas e radicais alterações das formas sociais e políticas. A mais típica destas categorias intelectuais é a dos eclesiásticos, que monopolizaram durante muito tempo (durante toda uma fase histórica, caracterizada em parte por este monopólio) alguns serviços importantes: a ideologia religiosa, ou seja, a filosofia e a ciência da época, juntamente com a escola, a instrução, a moral, a justiça, a beneficência, a assistência, etc. A categoria dos eclesiásticos pode ser considerada como a categoria intelectual ligada organicamente à aristocracia fundiária: estava juridicamente equiparada à aristocracia, com quem dividia o exercício da propriedade feudal da terra e a utilização dos privilégios estatais ligados à propriedade.<sup>2</sup> Mas o monopólio das superestruturas da parte dos eclesiásticos<sup>3</sup> não se realizou sem lutas e limitações, provocando o surgir, sob formas diferentes (que se devem procurar e estudar corretamente), de outras categorias, favorecidas e ampliadas pelo poder central do monarca, até ao absolutismo. É assim que se forma progressivamente a aristocracia da toga, com os seus privilégios; uma classe de administradores, cientistas, teóricos, filósofos não eclesiásticos, etc.

Devido ao facto de estas diversas categorias de intelectuais tradicionais sentirem com “espírito de corpo” a sua ininterrupta continuidade histórica e a sua “qualificação”, elas são consideradas autónomas e independentes do grupo social dominante; posição que tem fortes consequências, no âmbito ideológico e político: toda a filoso-

2 Para uma categoria destes intelectuais, porventura a mais importante depois da “eclesiástica”, pelo prestígio e a função social desenvolvidos nas sociedades primitivas — a categoria dos médicos em sentido amplo, isto é, de todos os que “lutam” ou parecem lutar contra a morte e as doenças —, seria útil verificar a *Storia della medicina* de Arturo Castiglioni. Deve lembrar-se, igualmente, que houve uma conexão entre a religião e a medicina e que, em algumas zonas, ela continua a existir: há hospitais que estão nas mãos de religiosos no que diz respeito a funções de organização, além do facto de que onde aparece o médico, normalmente aparece também o padre (exorcismos, assistência de vários tipos, etc.) Muitas grandes figuras religiosas foram também idealizadas enquanto grandes “terapeutas”: a ideia do milagre até à ressurreição dos mortos. Também quanto aos reis, se continuou durante muito tempo a acreditar que eram capazes de tratar as pessoas só pelo contacto das suas mãos, etc.

3 Deste monopólio nasceu o significado geral de “intelectual” e de “especialista” atribuído à palavra “clérigo” em muitas línguas neolatinas ou fortemente influenciadas pelo latim eclesiástico. Significado a que se contrapõe o termo “leigo”, no sentido de profano, de não especialista.

fia idealista pode ser facilmente relacionada com esta utopia social dos intelectuais, que acreditam poder ser “independentes”, autônomos, revestidos de características próprias, etc. Lembramos, contudo, que, se o Papa e a alta hierarquia da Igreja julgam estar mais ligados a Cristo e aos apóstolos do que aos senadores Agnelli e Benni, o mesmo não acontece com Gentile e Croce. Croce, por exemplo, sente-se mais ligado a Aristóteles e a Platão, embora não esconda a sua ligação a Agnelli e Benni, facto em que é preciso justamente procurar o aspeto mais relevante da filosofia crociana.

Quais são os limites “máximos” do conceito de “intelectual”? Pode-se encontrar um critério unitário que caracterize da mesma forma todas as diferentes e díspares atividades intelectuais, distinguindo-as contemporânea e essencialmente das atividades de outros grupos sociais?

O erro metodológico mais frequente parece-me o de se ter procurado este critério distintivo no âmago das atividades intelectuais, e não, pelo contrário, no conjunto das relações que os intelectuais têm com os outros grupos sociais. E, na verdade, o operário ou o proletário, por exemplo, não se caracterizam especialmente pelo seu trabalho manual ou instrumental, mas pelo modo como este trabalho está integrado no conjunto da sociedade (à parte a consideração de que não existe um trabalho puramente físico e que a expressão de Taylor de “gorila amestrado” é só uma metáfora que indica um determinado limite: isto é, que em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e degradante, existe um mínimo de competência técnica, um mínimo de atividade intelectual criadora). E, como foi já observado, o empresário, pela sua função, deve ter, de algum modo, um certo número de qualificações de natureza intelectual, embora a sua figura social não seja determinada por elas, mas pela generalidade das relações sociais que, justamente, caracterizam a posição do empresário na indústria.

Todos os homens são intelectuais, podemos assim fazer esta afirmação; mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais.<sup>4</sup>

4 Assim como pode acontecer que cada um de nós consiga, em qualquer momento, fritar dois ovos ou remendar um rasgão do casaco, e não é por isso que será definido como um cozinheiro ou um alfaiate, etc.

Quando fazemos a distinção entre intelectuais e não-intelectuais, na realidade referimo-nos unicamente à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, ou seja, consideramos em que reside o peso maior da atividade profissional específica, na elaboração intelectual ou no esforço muscular-nervoso. O que significa que se pode falar de intelectuais, mas não de não-intelectuais, já que eles não existem. Contudo, a mesma relação entre esforço de elaboração intelectual-cerebral e esforço muscular-nervoso nem sempre é igual; por conseguinte, existem graus diferentes de atividade específica intelectual. Não há atividade humana de que se possa excluir toda a intervenção intelectual, não podemos separar o *homo faber* do *homo sapiens*. Todos os homens, no fundo, além da sua profissão, expressam alguma atividade intelectual: são “filósofos”, artistas, homens de gosto, protagonistas de uma determinada concepção do mundo, de uma consciente conduta moral e, por isso, contribuem para sustentar ou modificar uma ideia do mundo, isto é, para suscitar novas formas de pensamento.

O problema da criação de um novo estrato intelectual consiste, assim, na elaboração crítica da atividade intelectual que existe em cada indivíduo segundo um certo grau de desenvolvimento, modificando a sua relação com o esforço muscular-nervoso em direção a um novo equilíbrio e conseguindo que aquele mesmo esforço, enquanto elemento de uma atividade prática sempre inovadora do mundo físico e social, se torne os alicerces de uma concepção do mundo nova e integral. O tipo tradicional e vulgarizado de intelectual é constituído pelo literato, pelo filósofo, pelo artista. É por isso que os jornalistas, que se consideram literatos, filósofos e artistas, julgam ser os “verdadeiros” intelectuais. No mundo moderno, a educação técnica, fortemente ligada ao campo industrial, mesmo o mais primitivo ou desqualificado, tem de constituir a base do novo tipo de intelectual.

Nesta base trabalhou o semanário *Ordine Nuovo*, com o objetivo de desenvolver algumas formas de novo intelectualismo e para determinar conceitos novos, não sendo esta uma das menores razões do seu sucesso, já que uma tal programação correspondia a aspirações latentes que acompanhavam o desenvolvimento das formas

reais da vida. A maneira de ser do novo intelectual já não pode consistir na eloquência, motor externo e momentâneo dos afetos e das paixões, mas no seu integrar-se ativamente na vida prática, enquanto construtor, organizador, “persuasor permanente”, embora não puro orador — e, todavia, superior ao espírito abstrato matemático. Ele tem de passar da técnica-trabalho para a técnica-ciência e para a concepção humanístico-histórica, sem a qual se limita a ser um “especialista” e não um “dirigente” (especialista + político).

Historicamente, formam-se, assim, algumas categorias especializadas no exercício da função intelectual, conexas com todos os grupos sociais, nomeadamente com os mais importantes, suportando elaborações mais significativas em relação ao grupo social dominante. Uma das características mais relevantes de cada grupo dominador é a sua luta para a assimilação e a conquista “ideológica” dos intelectuais tradicionais. Assimilação e conquista tanto mais rápidas e eficazes quanto o grupo em questão elabora simultaneamente os próprios intelectuais orgânicos.

O enorme desenvolvimento alcançado com a atividade e a organização escolar (num sentido lato) junto das sociedades surgidas do mundo medieval denota a importância que as categorias e as funções intelectuais assumiram no mundo moderno: como se procurou aprofundar e dilatar “a intelectualidade” de cada indivíduo, assim se procuraram multiplicar as especializações e aperfeiçoá-las. Tudo isso deriva das instituições escolares de grau diferente, até aos organismos que promovem a dita “alta cultura”, em qualquer campo da ciência e da técnica.

A escola é um instrumento que serve para criar os intelectuais de grau diferente. A complexidade da função intelectual nos vários Estados pode-se medir objetivamente a partir da quantidade de escolas especializadas e da sua hierarquização: quanto mais ampla é a “área” escolar e quanto mais numerosos são os “graus verticais” da escola, maiores são o mundo cultural e a civilização de um determinado Estado.

Pode-se obter um termo de comparação na esfera da técnica industrial: a industrialização de um país mede-se pela sua capacidade de construir máquinas aptas à construção de outras máquinas e de

fabricar instrumentos cada vez mais precisos para construir máquinas, etc. O país que possuir o melhor equipamento para construir instrumentos para os laboratórios experimentais dos cientistas pode ser considerado o mais complexo no campo técnico-industrial, o mais civilizado, etc. Assim é na preparação dos intelectuais e nas escolas dedicadas a esta preparação: escolas e institutos de alto nível são assimiláveis.

Também neste âmbito, a quantidade não pode separar-se da qualidade. À mais requintada especialização técnico-cultural só pode corresponder a maior difusão possível da instrução primária e a maior solicitude que favoreça os graus escolares intermédios. Evidentemente, esta necessidade de criar a mais extensa base possível para seleccionar e elaborar as mais altas qualificações intelectuais — isto é, para fornecer uma estrutura democrática à alta cultura e à técnica superior — não é desprovida de inconvenientes: cria-se assim a possibilidade de fortes crises de desemprego junto das camadas médias dos intelectuais, como acontece de facto em todas as sociedades modernas.

Deve-se notar que a elaboração dos estratos de intelectuais na realidade concreta não ocorre num terreno democrático abstrato, mas segundo processos históricos tradicionais muito concretos. Formaram-se estratos que tradicionalmente “produzem” intelectuais e são os mesmos que, habitualmente, estão especializados na “poupança”, ou seja, são a pequena e média burguesia fundiária e algumas camadas da pequena e média burguesia urbana. A distribuição dos diversos tipos de escolas (clássicas e profissionais) no território económico e as diversas aspirações das várias categorias destes estratos determinam ou contribuem para formar a produção dos diversos ramos de especialização intelectual. Assim, na Itália, a burguesia rural produz essencialmente funcionários estatais e profissionais livres, enquanto a burguesia urbana produz técnicos para a indústria: é por isso que na Itália setentrional há uma maior produção de técnicos, ao passo que na meridional há um maior número de funcionários e de profissionais.

A relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como acontece com os grupos sociais fundamentais, mas é